

## PARA UMA TEORIA LITERÁRIA DOS DITADOS E PROVÉRBIOS

David Gonçalves — UFSC

Para Gilberto Mendonça Teles

Cervantes, falando pela boca de D. Quixote, nas andanças pelo mundo, dizia a Sancho Pança, escudeiro do cavaleiro andante: "Paréceme, Sancho, que no hay refrán que no sea verdadero, porque todos son sentencias sacadas de la misma experiencia, madre de las ciencias todas". Salomão, o velho monarca de Israel, talvez o mais antigo colecionador de adágios, aos quais costumava chamar vozes de sabedoria, recomendava o estudo detalhado e analítico como um dos meios excelentes para adquirir a virtude. Era generalizado a aplicação e estudo na difusão das doutrinas morais e filosóficas na Grécia e Roma antigas. Muitos tratados filosóficos e científicos da antigüidade estão em forma de provérbios. Até mesmo Júlio César organizou preciosa coleção de provérbios sob o título de **Apotegmas**. Entretanto, apesar de Antônio Delicado, autor da mais velha coleção de provérbios portugueses (**Adágios Portugueses reduzidos a lugares comum**), cuja primeira edição é de 1651, definir que "os adágios são as mais aprovadas sentenças que a experiência achou nas ações humanas, ditas em breve e elegantes palavras"<sup>1</sup>, o assunto permaneceu sempre relegado a pequenos estudos, mais na função dos folcloristas e etnógrafos.

1. DELICADO, Antônio. *Adágios Portugueses reduzidos a lugares comuns*.

Os provérbios são sentenças provenientes da experiência e revelam, segundo André Jolles, uma impossibilidade de se pensar em termos conceituais a totalidade do universo. O espírito "o apreende através das separações e ligações, de comparações e oposições de vivências e sensações"<sup>2</sup>. Neste universo ideológico, "a forma que resulta da nossa disposição mental e das idéias que lhe estão ligadas é a **forma simples** que chamamos **Máxima** ou **Locução**, termo usado pelo holandês-alemão, sendo a forma literária que encobre a experiência, mãe de todas as ciências. Jolles analisa a questão desta maneira:

"A locução é, portanto, em nossa morfologia, a forma literária que encobre uma experiência sem que essa experiência cesse de ser elemento de detalhe no mundo ideológico. Essa forma se atualiza nos **provérbios** ou em outras formas mais difíceis de serem distinguidas, como a Máxima e a Sentença."<sup>3</sup>

Nas observações de Jolles notamos que alocução não se liberta do código ideológico, permanecendo, todavia, cristalizada na fala coletiva. O provérbio se apóia, como todas as formas simples, nos dois universos propostos na introdução deste trabalho; "assim, um dos aspectos mais importantes do enunciado conhecido como provérbio é que ele realiza uma daquelas características que a semiologia distingue no discurso literário: a sua limitação, o seu fechamento, o seu acabamento estrutural"<sup>4</sup>. Deste modo, valendo-se ininterruptamente desta vantagem às vezes despercebidas pelos estudiosos, é que nos convém uma tentativa de explicar esta formação de universo fechado sobre si mesmo, ligado por axiomas ideológicos, tão bem estudado por André Jolles que desvendou sua disposição mental.

A formação proverbial é bastante correlata na técnica elaborativa do contexto. As notas semióticas que Peirce colheu ao longo de meio século merecem um aproveitamento porque propuseram, de fato, excelente abertura nos estudos lingüísticos e extralingüísticos (especialmente na formação de provérbios). O texto proverbial, além de conter uma mensagem, traz per si o símbolo, caracterizando-se pelo contexto limitado e completo, exemplo típico e original entre os dois signos, objetos de especulações nos próximos parágrafos:

Tanto Saussure como Peirce propuseram e estabeleceram uma distinção nítida entre as qualidades materiais, o significante de todo signo e seu intérprete imediato — o significado. Discerniram três variedades fundamentais de signos, partindo das diferenças

2. JOLLES, André. Op. cit.

3. JOLLES, André. Op. cit. In Gilberto Mendonça Teles. *A Enunciação Poética de Mário Quintana*. Porto Alegre, PUC, 1975.

4. Idem, *Ibidem*.

municação. Intensificam-se, atualmente, os valores simbólicos nos diagramas da comunicação humana, mesmo através dos **slogans** políticos ou comerciais.

Fora da significação, o símbolo perde a função, sendo portanto substituível, pertencendo à classe dos signos substitutivos.

As três variedades fundamentais do signo lingüístico nos conotam uma posição inicial quanto à formação dos textos proverbiais. O sintagma dos provérbios é um sema visual, resultado das interrelações entre o índice e o símbolo. Daí a colocação de que os slogans são contextos proverbiais construídos intencionalmente entre o significante e o significado. Veja-se, por exemplo, a classificação de Peirce:

**ÍCONE** — opera, antes de tudo, pela semelhança de fato entre seu significante e seu significado. Entre a representação de um animal e o animal representado, a primeira equivale ao segundo porque simplesmente se assemelha a ele. A literalidade, cortina posta entre a referência e a letra, identifica não apenas a ambigüidade do signo, mas a sua autonomia significativa. Muniz Sodré<sup>5</sup> afirma que o discurso literário é o ícone, porque, ao mesmo tempo que vamos à procura do significado, o ícone manda de retorno às letras, isto é, ao significante, residindo neste ponto a evidência da poética atual.

**ÍNDICE** — segundo Roman Jakobson, num excelente estudo sobre as três variedades de signos peirceanos, o índice "opera, antes de tudo, pela contigüidade de fato, vivida entre seu significante e seu significado; por exemplo, a fumaça é índice de fogo; a noção passada em provérbio, de que **não há fumaça sem fogo**, permite a qualquer intérprete da fumaça inferir a existência de fogo, quer este tenha ou não sido acendido intencionalmente com o propósito de atrair a atenção de alguém; Robinson Crusó encontrou um índice: seu significante era um vestígio de um pé sobre a areia, e o significante inferido a partir dessa pegada, a presença de um ser humano em sua ilha; a aceleração do pulso considerada como provável sintoma de febre é igualmente um índice, e, em casos desse gênero, a Semiótica de Peirce coincide com o estudo médico dos sintomas de doenças, que traz o nome de Semiótica, Semiologia, ou Sintomatologia"<sup>6</sup>.

**SÍMBOLO** — a operação do símbolo se localiza na contigüidade instituída, apreendida entre o significante e o significado. Esta conexão, conforme Jakobson, "consiste no fato de que constitui uma regra e não depende da presença ou ausência de qualquer similitude ou contigüidade de fato"<sup>7</sup>. Entretanto, qualquer intérprete do símbolo deve conhecer as leis que regem tais símbolos. A dificuldade reside na interpretação e no conhecimento

5. TELES, Gilberto Mendonça. Op. cit.

6. SODRÉ, Muniz. Op. cit.

7. JAKOBSON, Roman. **Lingüística e Comunicação**. São Paulo, Editora Cultrix, 1972.

de tal signo simbólico pertencente mais à Semiótica do que à Lingüística; a concordância de que a Lingüística seria apenas uma parte da Semiologia, como desejava Saussure... O conhecimento das regras convencionais conduz ao desvendamento do significado. O signo artificial (o símbolo) está baseado numa interpretação social de convencionalidade que tem graus variáveis e pode ser mínima em certos casos: fotografias, pictogramas, mapas, balanços, bandeiras, sinais de trânsito, determinadas frases cristalizadas das expressões populares... etc. Só o encontramos quando um dado objeto (ou propriedade dele) é incluso no processo de copara o domínio das massas.

Estas relações e interrelações unem dois cosmos: o ideológico e o lingüístico, e temos o nascimento dessa forma coletiva, cuja cristalização se embasa na observação das experiências vividas pelo homem.

Nas narrativas de **Tropas e Boiadas** tencionamos investigar o uso do provérbio e do ditado dentro do discurso literário. Para isso, há necessidade, de início, de organizarmos uma distinção nítida entre essas formas que, embora documentando diferenças básicas, distendem em sentidos opostos. Podemos reconhecer os **provérbios** através de uma divisão sintagmática; o contexto terá, primordialmente, dois sintagmas ou diversos, enquanto os ditados se delimitam num só sintagma, ocasionando uma dicotomia de significação entre o universal e o regional. O provérbio será sempre universal, enquanto o ditado infere uma realidade regional, às vezes disseminados em conjunto com as expressões populares. No conto "Mágoa de Vaqueiro", a forma simples "**Carijó que assim canta, é que fugiu moça de casa**", na fala de tio Ambrosino, já de madrugada, quando "a lua ia a perder-se por detrás das cerranias", contém dois sintagmas, como se pode averiguar:

CARIJÓ QUE ASSIM CANTA, | É QUE FUGIU MOÇA DE CASA.  
|A| |B|

O sintagma |A| está intrinsecamente correlacionando com o |B|, e por isso, formam um contexto fechado, cuja significação se incrusta no andamento da narrativa, quando o velho Tonico percebe que sua filha havia fugido com o Zeca Menino, "um perdido de pagodeiras e do truque, brigão vezeiro nas redondezas, sujeito que além da garrucha e da besta de sela, só tinha por si essa estampa escurra de mestiço madraço e preguiçoso". O contexto proverbial, em síntese, é uma **constatação literária** no discurso empregado pelo autor. Esta função constativa emana de um sistema de significação fechado. A estrutura do provérbio é binária, freqüentemente reforçada pela dimensão das frases.

Por outro lado, os ditados, também revelando um sistema de significação fechado, no dizer de Gerimas<sup>8</sup>, estão determinados nos níveis das orações e o índice de constatação é menor pelo motivo

8. Idem, *Ibidem*.

que sua criação se vincula no universo regional, sofrendo, em consequência, maiores modificações individuais de acordo com a realidade vivida pelo personagem.

Apresentamos agora a listagem dos ditados na obra **Tropas e Boiadas**:

1. "Vai comendo brasa", p. 56.
2. "Vim topar o portão da romaria...", p. 72.
3. "A mim ninguém amarra...", p. 120.
4. "Vingança de cativo tem manha.", p. 128.
5. "Toda terra tem seu uso.", p. 118.
6. "O mundo é grande, seu Juvêncio, para caber isso tudo.", p. 128.
7. "... dois bicudos não se beijam.", p. 100.
8. "Parecia até o capeta em figura de ave.", p. 25.
9. "Sertão — escola do mundo!", p. 67.
10. "Vôte, a gente topa cada uma...", p. 67.
11. "... medo do purgatório não é brincadeira...", p. 69.
12. "Parece até que é separação...", p. 71.
13. "... o homem caiu que nem fruta podre...", p. 103.

A listagem acima mostra perfeitamente a aproximação dos ditados às expressões populares. São elementos modificados pela fala das personagens, como no exemplo "Vai comendo brasa", na página 56, a respeito da saída de Joaquim Percevejo após o "pito" do patrão, Coronel Pedrinho, em toda a obra, o aproveitamento dos ditados, quase a nível das expressões populares, remete para dois pontos:

- a) A realidade inconsciente da superstição;
- b) O linguajar regional utilizado pelo autor.

Desdobrando-se em dois ou mais sintagmas, os provérbios revelam maior riqueza de experiência e constata um nível maior de significação na formação semiológica, pelo fato de correlacionar duas contigüidades (instituída e contigüidade de fatos) operando no mesmo discurso fechado. Eis a listagem dos provérbios:

1. "A gente, quanto mais vive, mais aprende.", p. 6.
2. "Carijó que assim canta, é que fugiu moça de casa.", p. 9.
3. "Sete vezes fui ao céu e sete descí nas profundezas dos infernos.", p. 42.
4. "... foi mais caipora, na força do tombo ficou com o braço na tipóia.", p. 43.
5. "Milho no muro, antes que fique escuro!", p. 72.
6. "Quebrou um laço de cerca, eu vou dentro!", p. 72.
7. "Truco, tapera! Por que não me espera!", p. 73.
8. "Estudante de medicina, vou em Roma, volto em Mina, consulta seu companheiro e vê se vocês combinam!", p. 73.
9. "Truco vai, milho vem, mosquito na corda desce bem!", p. 73.
10. "Assim, menino! Jesus Caetano! Nosso Senhor, diabinhol!", p. 73

11. "Onze! Baralho na mão do Bronze!", p. 73.
12. "Comigo é nove, eh! velhote treme-treme!", p. 74.
13. "En! certa váial... Chinha de Medéia!", p. 74.
14. "Pensar não é nada, fazer é que são elas.", p. 76.
15. "O que deve acontecer, tem força, acontece mesmo.", p. 76.
16. "E entrar no cafedório, enquanto está pelado!", p. 118.
17. "Quem entrar neste risco, vai de encomenda pra Satanás", p. 120.
18. "Ora, ora, mais parecia caçoada, que patusco!", p. 137.
19. "Matreiro que nem lagartixa, com a cabeça diz que sim, com o rabo diz que não.", p. 100.
20. "... como tucano, quebra tudo que o bico alcança.", p. 100.
21. "... todo aquele que viu e falou com o Saci, acontece sempre uma desgraça.", p. 48.
22. "Criação está de gogo que é um castigo.", p. 29.
23. "Nesta fazenda cachorro vadio tem sempre receio, ninguém foge aqui ao trato firmado!", p. 95.
24. "É chegar, quem pode!", p. 120.
25. "... a jararaca ia mostrar agora toda a peçonha que tinha!", p. 137.

A significação proverbial resulta da correlatividade entre os sintagmas; nos ditados, entre as palavras que os compõem. Para a Lingüística, "o signo é uma fatia (bifacial) de sonoridade, visualidade, etc."<sup>9</sup>. A significação é concebida como um processo: o ato que o une o significante e o significado, cujo produto essencial é o signo. Entretanto, essa união não esgota o ato semântico. Se para Saussure, o signo se apresenta como a extensão vertical de uma situação profunda, porque na língua o significado se mostra por trás do significante e só poderá ser atingido através de, e para Hjelmslev, a representação é puramente gráfica existindo uma relação entre o plano de expressão e o plano do conteúdo; é dessa relação que provém a significação. O significante, neste caso, passa a ter função globalizante, constituído de cadeias de níveis múltiplos, não passando de mediador. Nos provérbios e nos ditados identificamos o significante de uma fala cristalizada coletiva como mediador, composto de um plano de expressão cristalizado que nos comunica a significação no processo de passagem para o plano de conteúdo (axioma ideológico), assumindo a perspectiva de uma estrutura permanente<sup>10</sup>. A significação, para tal processo, se resume em um pólo de circularidade entre os dois planos, ou se quisermos, entre o significante e o significado.

Os provérbios da obra de Hugo de Carvalho Ramos tomam duas posições dentro do discurso literário, caracterizando desta maneira o processo de atualização utilizado pelo autor. Em pri-

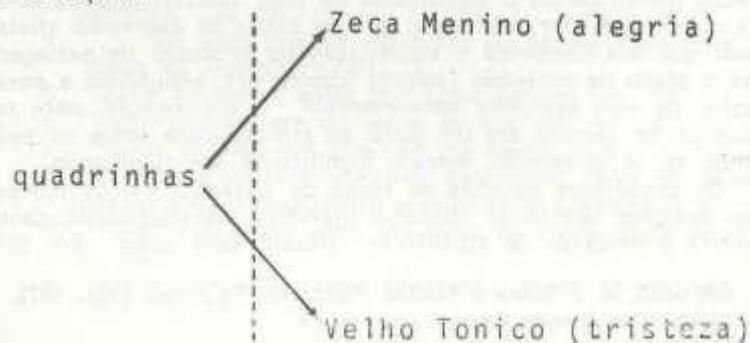
9. GREIMAS, A. J. **Sobre o Sentido**. Petrópolis, Ed. Vozes Ltda., 1975.  
10. JAKOBSON, Roman. Op. cit.

meio lugar, é interessante observar que a atualização é assimilável no plano da expressão (lingüístico). Colimitando a posição estrutural, e compreendendo a fala cristalizada como um processo de restauração lingüística, cabe agora enveredarmos pela disposição dessa forma na obra, distribuída em duas modalidades:

1. Vários provérbios têm como localização o desenvolvimento da narrativa: o autor coloca-os antes do desenlace contístico.
2. Outros se apresentam no desenlace contístico, encerrando, praticamente, os movimentos narrativos.

No primeiro caso, em se tratando de uma antecipação narrativa, o texto do discurso cristalizado funciona como **índice de constatação**. É o caso dos contos "Caminho das Tropas", "Mágoa de Vaqueiro", "Caçando Perdizes", "O Poldro Picaço" e alguns trechos de "Gente da Gleba". Em "Caminho das Tropas", no qual "o que tem de acontecer, tem força, acontece mesmo" transforma-se em índice para o final do caso, onde Manuel, o dianteiro, encerra-o explicando o pretenso sobrenatural e o engano que cometera. E a frase "Enfim, creiam mecês, é ter sempre desapego ao perigo..." elucida a atuação de forças desconhecidas sobre o homem, pois, quem tem desago ao perigo, está num plano privilegiado, como Riobaldo, em Grande Sertão: Veredas<sup>11</sup>, fazendo pacto com os demônios na hora vaga da sexta-feira...

Também está em "Mágoa de Vaqueiro", no provérbio "Carijó que assim canta, é que fugiu moça de casa", como também nas modinhas cantadas por tio Ambrosino. Para a narrativa, pode ser considerado meramente como constatação, mas para as personagens, que ignoram a fuga de Mariazinha e Zeca Menino, a localização do provérbio no texto se transforma num índice que conduz ao final, quando o velho Tonico morre de desgosto, "ouvindo os ecos que lá iam do aboiado, a rolar, magoadamente, de quebrada em quebrada..." Apesar de não ser este o momento de falarmos sobre as quadrinhas, o provérbio as corta numa linha pontilhada (vide o gráfico seguinte) e une a situação Alegria|Tristeza das personagens. E nos dá a conhecer a morte do sertanejo no câmor de cupins:



O índice de constatação faz um símile do texto, antecipadamente, embora esta forma simples remeta à oralidade estilística de Hugo, à narrativa comunitária, essência e origem do conto desde os primeiros tempos. Mas a significação, no texto literário, não se evidencia no momento de uso, mas no decorrer da narrativa. Aí se compreende mais uma vez o relacionamento da criação individual com a criação coletiva advinda das experiências observáveis no fluir do tempo.

Em "Nostalgias" (trecho de carta), apesar de não se enquadrar como conto, o ditado "Parecia até o capeta em figura de ave" propõe menor intensidade porque se apresenta diluído. Diríamos que o ditado é um elemento diluído que tenta organizar-se para nos dar um universo mais limitado e com significação fechada sobre si mesma. Mas sua ação pode ser considerada como índice de constatação, se bem que em menor escala; já em "Caçando Perdizes", entretanto, este índice se intensifica e, novamente, temos este processo estrutural simultaneamente claro e fechado. **Fechado** para o discurso literário desta forma simples; **clara**, para o que há de acontecer no desfecho narrativo a partir do axioma ideológico contido na contigüidade instituída. "Criação no terreiro está de gogo que é um castigo" averigua uma circunstância que acontecerá com o cachorro Belém, engolido pela sucuri. Em "O Poldro Picaço", "Sete vezes fui ao céu e sete descí às profundezas dos infernos", revela uma função dupla: por um lado, os pulos da montaria selvagem; por outro, os sofrimentos de amor do peão domador carregando consigo um lencinho de lembrança, presente da filha do Coronel. E os sofrimentos são tantos que, viajando, certa vez, quis queimar a prenda, mas não teve coragem. Em "Vingança de Cativo tem manha", na novela "Gente da Gleba", o índice de constatação está bem claro, a ponto de introduzir um caso, na intenção de explicar e validar o ditado.

A pura e simples constatação está bem ilustrada no conto "O Saci", onde o preto velho termina uma história montada no mito do negrinho matreiro com o discurso proverbial: "...a todo aquele que viu e falou com o Saci, acontece sempre uma desgraça". O negro fugido, Malaquias, a quem Sô Dito sai pelos sertões dando caça, também faz uma constatação quando afirma "quem entrar neste risco vai de encomenda pra Satanás". Assim são os demais: "Toda Terra tem seu uso", "o mundo é grande, Seu Juvêncio, para caber isso tudo", "Pensar não é nada, fazer é que são elas", "E entrar no cafedório, enquanto está pelado!", etc.

A constatação é o ato do autor usar o provérbio com a intenção de resumir todos os ensinamentos apresentados no discurso literário.

Os provérbios do jogo de truco possui uma fala cristalizada coletiva já meio diluída devido à incessante criação individual. Câmara Cascudo, no seu magnífico **Dicionário do Folclore, Brasileiro**,

11. LÉVI-STRAUSS, Claude. Op. cit.

descreve o truco como jogo "entre quatro parceiros, cada um dos quais dispõe de três cartas"<sup>12</sup>, sendo o mais popular jogo de cartas no interior de São Paulo e de quase todo o Brasil: "Faz parte da pragmática do jogo levá-lo sempre com pilhérias e bravatas, umas e outras geralmente acondicionadas em fórmulas estabelecidas."<sup>13</sup> Estas fórmulas estabelecidas a que Câmara Cascudo se refere são os provérbios cuja formação é observada através da existência dos sintagmas, mas a cristalização do uso verbal está sempre condicionada à inventiva dos jogadores inventiva dos jogadores. Os textos: "Milho no muro, antes que fique escuro!", "Vim topar o portão da romaria..."; "Truco, tapera! Por que não me espera!", "Estudante de medicina, vou em Roma, volte em Mina, consulta seu companheiro e vê se vocês combinam!", "Truco vai, milho vem, mosquito na corda desce bem!", "Assim menino! Jesus Caetano! Nosso Senhor, diabinho!", "Onze! Baralho na mão do Bronze!", "Comigo é nove, eh, velhote treme-treme!", "Éh! carta véia!... Chinha de medeia!". Cada jogador se apropria de uma forma e notifica-a com a participação inventiva individual. No próprio ato do escritor recolher tais formas no discurso literário, ele está, por natureza, atualizando-as. Mário de Andrade atualizou magistralmente estas formas estabelecidas pelo jogo do truco no segundo poema de *O Carro da Miséria*<sup>14</sup>; também Valdomiro Silveira, na tentativa de representar uma forma literária do Brasil tradicional, não urbanizado, refletindo uma civilização não industrializada, focalizou o truco num dos seus melhores contos, cuja linguagem singular-rural atualiza as formas proverbiais estabelecidas pelas bravatas dos jogadores, indicando uma constatação ou constatando realmente.<sup>15</sup>

12. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio, Livraria José Olympio Editora, 1975.

13. CASCUDO, Luiz da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio, Instituto Nacional do Livro, 1954.

14. ANDRADE, Mário de. *Poesias Completas*. São Paulo, Martins Editora, 1973.

15. SILVEIRA, Valdomiro. *O Mundo Caboclo de Valdomiro Silveira*. Rio, Livraria José Olympio Editora — MEC, 1974.